

## O USO DO AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA POLÍTICA DE CORPOS DIVERGENTES<sup>1</sup>

Cristiano de Oliveira Sousa<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Goiás (UFG)

**Resumo:** Neste resumo, discutimos a questão da cultura visual e o seu uso como política de ferramenta para a caça de corpos divergentes. A partir da experiência cinematográfica do documentário *Temporada de Caça* da diretora Rita Moreira e dos estudos de reações contemporâneas da arte como diálogo através do olhar do espectador e a criação do sujeito, se propõe um diálogo entre imagens e espectador em todas as suas nuances que também podem ser negativas e subjetivas, problematizando a relação sujeito-espectador no momento contemporâneo, sobretudo como ato violento que remete à caça de corpos divergentes tanto na sexualidade quanto politicamente. Será que a temporada de caça acabou? Até onde vai o direito de expressão? Como a cultura visual pode ser usada politicamente de forma positiva?

**Palavras-chave:** Audiovisual e diversidade. Cultura visual. Temporada de Caça. Conservadorismo. Violência.

**Resumo expandido:** Ao acessar o blog Revide, na publicação de 13 de março de 2017, é possível assistir ao vídeo do documentário *Temporada de Caça*, de Rita Moreira, lançado em 1988, período onde o Brasil vivia a redemocratização pós-ditadura (ARAÚJO, 2017). Na cena inicial a interlocutora pergunta para uma jovem moça que anda pelas ruas de São Paulo. “Dá aqui uma entrevistinha para a gente. Você tem ouvido falar em noticiários, jornais, TV, rádio sobre o assassinato dos homossexuais?” “Já sim”, diz a moça. A repórter continua: “E o que você pensa disso?” “Eu acho que tem que assassinar mesmo”. A resposta que choca alguns é parecida com as próximas entrevistas seguidas no vídeo, em seus vinte quatro minutos de duração, na narrativa de naturalidade do sentimento de ódio e repulsa aos LGBTIs. Hoje as perguntas são: o documentário causou indignação na época? O documentário causa indignação hoje?

A discussão pública da lgbtfobia no contexto do audiovisual nesta obra se propõe à questão principal que é a percepção da normalização da ignorância e preconceito em uma ferramenta de registro. O vídeo executa a sua função como ferramenta de cultura visual como uma abordagem que inclui todos os artefatos visuais, formas e modos de pensar que configuram a percepção de vida cotidiana da época, com o conceito da relação entre educação, pedagogia e cultura em nossa sociedade como objeto de investigação. O resultado dessa ação de cultura visual de investigação de uma obra do passado, neste resumo, é mostrar que através do fomento da repressão, há o ato de afastar-se, de ignorar e esquecer uma ideia ou a tentativa para separar o

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 12ª Semana de cinema e audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (SAU UEG) e 2º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central (EECABC), que ocorreu na cidade de Goiás (GO) de 14 a 16 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Produtor audiovisual, diretor do @digofestival @gofilmfestival e @morcegovermelhofest, mestrando no Programa de Pós-Graduação de Arte e cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. E-mail: [cristianosousa@discente.ufg.br](mailto:cristianosousa@discente.ufg.br)

afeto da ideia. A pergunta que se obtém após assistir ao documentário é como a cultura de ódio aos LGBTIs, foi implantada nesta população?

O registro audiovisual é um exemplo onde é possível identificar que com o apoio da população, no Brasil a política ultraconservadora foi utilizada para aterrorizar e assassinar travestis e minorias sexuais, com a justificativa de “preservar a família, a moral e os bons costumes”. Foram criadas políticas discriminatórias promovendo uma “limpeza social” com assassinatos respaldados pela impunidade e com consentimento da mídia.

O produto audiovisual realizado em prol de uma pedagogia crítica ao momento eternizado, denuncia as ações realizadas na perseguição do ex-presidente Jânio Quadros e o estímulo ao extermínio de LGBTIs quando à frente da prefeitura de São Paulo, na chamada Operação Tarântula. Os assumidos e desavergonhados são merecedores de descarte. Se salvam os “discretos” e “enrustidos” que devem se amar fora dos olhos da “sociedade”.

De modo geral, salva raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, “o/a enrustido/a”. De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais. Revistas, moda, bares, filmes, música, literatura, enfim, todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivos de escândalos. (LOURO, 2000, p. 20)

Até que ponto as pedagogias culturais influenciam na contemporaneidade brasileira na luta contra o conservadorismo e na caça aos “diferentes” e aos que se recusam a se esconder? Para entender é preciso discutir a cultura como ferramenta de controle social imposto por um regime de conservadorismo que pode transmitir determinadas mensagens, enfatizar a mudança de determinados tipos de comportamento, sugerir a adoção de determinadas práticas sexuais em detrimento de outras e de como isso ainda é refletido na sociedade. O fato é que o ódio é mais fácil de ser disseminado do que o amor ao próximo. A futilidade e os valores menos importantes geram mais interesse e "engajamento", isso acontece bem antes da criação da internet.

Em verdade, uma questão levantada em meados de 1900, quando Wiebe (1952 apud Kotler e Zaltman, 1971) perguntava-se “Por que não se pode vender fraternidade como se vende sopa?” Na base dessa questão estava o pressuposto de que as estratégias comerciais para a venda de produtos como sopa davam melhores resultados do que aquelas utilizadas para a venda de bens sociais. (SANTOS, 2003, p. 6)

A condição de gênero e sexualidade é, portanto, determinante para o merecimento da fraternidade humana para a maioria das pessoas entrevistadas no documentário, representa não apenas uma questão pessoal, mas social e política. O audiovisual é uma ferramenta para desvendar doutrinas sociais e as manifestações culturais podem contribuir para o sentimento de

ódio na formação da identidade dos sujeitos que praticam a discriminação. A resposta é que nós, ao final, poderemos acabar a perseguição aos divergentes através da cultura visual.

### Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Eduardo. **Documentário Temporada de Caça**, de Rita Moreira. Revide, 2017. Disponível em: <http://revide.blogspot.com/2017/03/documentariotemporada-de-caca-de-rita.html?m=1>. Acesso em: 01. jul. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. 2ª Ed., Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Do discurso publicitário biomédico ao discurso publicitário comercial: o marketing social em suspeição nas campanhas de prevenção ao HIV/AIDS. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED**, 26., 2003, Poços de Caldas. Anais [...]. Poços de Caldas: ANPEd, 2003. p. 1-21.